

# EUSÉBIO, BISPO DE CESAREIA



## INTRODUÇÃO

## **FONTES DO TEXTO**

Bento XVI, de *Audiência Geral*  
de 13 de Junho de 2007.

## **Imagem da Capa**

*Wikipédia*

## **Eusébio, Bispo de Cesareia**

### **INTRODUÇÃO [\*)**

Na história do cristianismo antigo é fundamental a distinção entre os primeiros três séculos e os sucessivos ao Concílio de Niceia de 325, o primeiro ecumênico. Quase como "ponto de união" entre os dois períodos encontram-se a "mudança constantinopolitana" e a paz da Igreja, assim como a figura de Eusébio, Bispo de Cesareia na Palestina. Ele foi o representante mais qualificado da cultura cristã do seu tempo em contextos muito variados, da teologia à exegese, da história à erudição. Eusébio é conhecido sobretudo como o primeiro historiador do cristianismo, mas foi também o maior filólogo da Igreja antiga.

Em Cesareia, onde provavelmente se deve situar por volta de 260 o nascimento de Eusébio, Orígenes tinha-se refugiado provindo de Alexandria, e ali fundara uma escola e uma grandiosa biblioteca. Precisamente nestes livros se formara, alguns decênios mais tarde, o jovem Eusébio. Em 325, como Bispo de Cesareia, participou com um papel de protagonista no Concílio de Niceia.

Subscreveu o Credo e a afirmação da plena divindade do Filho de Deus, por isso definido "da mesma substância" do Pai (*homooúsios tō Patri*). É praticamente o mesmo Credo que nós recitamos todos os domingos na Santa Liturgia. Sincero admirador de Constantino, que tinha dado a paz à Igreja, Eusébio por sua vez o estimou e considerou. Celebrou o imperador, não só nas suas obras, mas também com discursos oficiais, pronunciados no vigésimo e trigésimo aniversário da sua ascensão ao trono, e depois da morte, que se verificou em 337. Dois ou três anos mais tarde faleceu também Eusébio.

Estudioso incansável, nos seus numerosos escritos Eusébio propõe-se reflectir e analisar três séculos de cristianismo, três séculos vividos sob a perseguição, haurindo amplamente das fontes cristãs e pagãs conservadas sobretudo na grande biblioteca de Cesareia. Assim, não obstante a importância objectiva das suas obras apologéticas, exegéticas e doutrinárias, a

fama imperecível de Eusébio permanece ligada em primeiro lugar aos dez livros da sua *História Eclesiástica*. Foi o primeiro que escreveu uma história da Igreja, que permanece fundamental graças às fontes colocadas por Eusébio à nossa disposição para sempre. Com esta História ele conseguiu salvar de esquecimento certo numerosos acontecimentos, personagens e obras literárias da Igreja antiga. Portanto, trata-se de uma fonte primária para o conhecimento dos primeiros séculos do cristianismo.

Podemos perguntar como estruturou ele e com que intenções redigiu esta nova obra. No início do primeiro livro o historiador elenca pontualmente os temas que deseja tratar na sua obra: "Propus-me pôr por escrito as sucessões dos santos apóstolos e os tempos transcorridos, a partir dos do nosso Salvador até nós; todas as coisas grandiosas que se diz que foram realizadas durante a história da Igreja; todos os que dirigiram e orientaram excelentemente as dioceses mais ilustres; os que, em cada geração foram mensageiros da Palavra divina com a palavra ou com os escritos; e quais foram, quantos e em que período de tempo os que por desejo de novidade, depois de terem caído ao máximo no erro, se tornaram intérpretes e promotores de uma falsa doutrina, e como lobos cruéis devastaram ferozmente o rebanho de Cristo; ...e com quantos e quais meios e em que tempos foi combatida por parte dos pagãos a Palavra divina; e os homens grandes que, para a defender, passaram através de duras provas de sangue e de torturas; e finalmente os testemunhos do nosso tempo, e a misericórdia e a benevolência do nosso Salvador para com todos nós" (1, 1, 1-2). Desta forma Eusébio abraça diversos sectores: a sucessão dos Apóstolos como coluna da Igreja, a difusão da mensagem, os erros, depois as perseguições por parte dos pagãos e os grandes testemunhos que são a luz desta História. Em tudo isto transparecem para ele a misericórdia e a benevolência do Salvador. Eusébio inaugura assim a historiografia eclesiástica, levando a sua narração até 324, ano em que Constantino, depois da derrota de Licínio, foi aclamado único imperador de Roma. Estamos no ano anterior ao grande Concílio de Niceia que depois oferece a "suma" de quanto a Igreja doutrinal, moral e também juridicamente tinha aprendido nestes trezentos anos.

A citação que extraímos do primeiro livro da História Eclesiástica contém uma repetição certamente intencional. Três vezes no espaço de

poucas linhas se repete o título cristológico de Salvador, e se faz referência explícita à "sua misericórdia" e à "sua benevolência". Podemos recolher assim a perspectiva fundamental da historiografia eusebiana: a sua é uma história "cristocêntrica", na qual se revela progressivamente o mistério do amor de Deus pelos homens.

Com genuíno enlevo, Eusébio reconhece "que junto de todos os homens do mundo inteiro só Jesus é professado, confessado, reconhecido Cristo [isto é Messias e Salvador do mundo], que é recordado com este nome quer pelos gregos quer pelos bárbaros, e ainda hoje é honrado pelos seus discípulos espalhados por todo o mundo como um rei, admirado mais que um profeta, glorificado como verdadeiro e único sacerdote de Deus; e mais que tudo isto, como *Logos* de Deus preexistente e gerado antes de todos os tempos, ele recebeu do Pai honra digna de veneração, e é adorado como Deus. O mais extraordinário é que todos os que lhe estamos consagrados o celebrem não só com as vozes e o som das palavras, mas com todas as disposições do coração, de modo que ponhamos diante da nossa própria vida o testemunho a ele prestado" (1, 3, 19-20). Sobressai assim em primeiro plano outra característica, que permanecerá constante na antiga historiografia eclesiástica: é "a intenção moral" que preside à narração. A análise histórica nunca é fim em si mesma; não é feita só para conhecer o passado; antes, ela tem por finalidade decididamente a conversão, e um autêntico testemunho de vida cristã por parte dos fiéis. É uma guia para nós próprios.

Desta forma Eusébio interpela vivazmente os crentes de todos os tempos em relação ao seu modo de abordar as vicissitudes da história, e da Igreja em particular. Ele interpela também a nós: qual é a nossa atitude em relação às vicissitudes da Igreja? É a atitude de quem se interessa por uma simples curiosidade, talvez procurando o que é sensacional e escandaloso a qualquer preço? Ou é a atitude cheia de amor, e aberta ao mistério, de quem sabe por fé que pode encontrar na história da Igreja os sinais do amor de Deus e as grandes obras da salvação por ele realizadas? Se for esta a nossa atitude, não podemos deixar de nos sentir estimulados a dar uma resposta mais coerente e generosa, a um testemunho mais cristão de vida, para deixar os sinais do amor de Deus também às gerações futuras.

"Há um mistério", não se cansava de repetir aquele eminente estudioso dos Padres que foi o Cardeal Jean Daniélou: "Há um conteúdo escondido na história... O mistério é o das obras de Deus, que constituem no tempo a realidade autêntica, escondida por detrás das aparências... Mas esta história que Deus realiza para o homem, não a realiza sem ele. Deter-se na contemplação das "grandes coisas" de Deus significaria ver só um aspecto das coisas. Perante elas está a resposta dos homens" (*Ensaio sobre o mistério da história*, ed. it., Brescia 1963, p. 182). A tantos séculos de distância, também hoje Eusébio de Cesareia convida os crentes, convida a nós, a admirar-nos, a contemplar na história as grandes obras de Deus para a salvação dos homens. E com igual energia ele nos convida à conversão da vida. De facto, face a um Deus que nos amou deste modo, não podemos permanecer inertes. A solicitação própria do amor é que toda a vida seja orientada para a imitação do Amado. Portanto, façamos o possível para deixar na nossa vida um vestígio transparente do amor de Deus.

\*\*\*

[\*] O texto reproduz a catequese de 13 de Junho de 2007, de Bento XVI, sobre os Padres apostólicos